

REMATE DE MALES

23

Departamento de Teoria Literária

UNICAMP
Campinas-SP
2003

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP)
Carlos Augusto Calil (USP)
Eduardo Subirats (Princeton Univ.)
Fábio Lucas (UBE)
Jorge Ruedas de la Serna (Univ. Nac. de México)
José Aderaldo Castello (USP)
Julio Castañon Guimarães (FCRB)
Marta Rossetti Baptista (IEB/USP)
Roberto Schwarz (CEBRAP)
Sergio Miceli (USP)
Tania Franco Carvalhal (UFRGS)

Comissão Editorial

Antonio Arnoni Prado
Maria Betânia Amoroso
Vilma Arêas

Catálogo na Fonte – Biblioteca Central/UNICAMP

Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, N° 23 (2003)
Campinas, 2003.

Anual

ISSN – 103-183X

1. Publicação Periódica – Literatura

I. Departamento de Teoria Literária – IEL/UNICAMP

REMATE DE MALES

Organizadora do volume:

Constância Lima Duarte

REMATE DE MALES

**Revista do Departamento de Teoria Literária
Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP**

O título da revista reproduz os tipos usados no ante-rostro
da edição original da obra deste nome de Mário de Andrade (S.P. 1930)

PEDE-SE PERMUTA / Exchange requested / Se solicita canje /
Wir bitten um Austausch / On demande l'échange / Si chiede lo scambio

Endereço para correspondência
Revista Remate de Males
UNICAMP/IEL
Setor de Publicações
Caixa Postal 6045
13084-971 Campinas, SP, Brasil
Fone/Fax.: 0055 / 19 / 3788 1528
e-mail *remate@iel.unicamp.br*

Sumário

- 9 *Introdução: Drummond e Henriqueta, afeto e admiração: por Constância Lima Duarte*

Cartas, cartinhas e cartões:

- 15 Henriqueta Lisboa: 28 de janeiro de 1938
17 Carlos Drummond de Andrade: 12 de fevereiro de 1938
18 Carlos Drummond de Andrade: 8 de maio de 1940
19 Henriqueta Lisboa: 28 de outubro de 1940
22 Henriqueta Lisboa: 1º de janeiro de 1942
24 Carlos Drummond de Andrade: 25 de janeiro de 1942
26 Henriqueta Lisboa: 2 de setembro de 1942
28 Carlos Drummond de Andrade: 6 de março de 1944
29 Henriqueta Lisboa: 15 de fevereiro de 1944
35 Henriqueta Lisboa: 28 de outubro de 1944
37 Carlos Drummond de Andrade: 20 de novembro de 1944
38 Henriqueta Lisboa: 13 de maio de 1945
41 Carlos Drummond de Andrade: 7 de junho de 1945
42 Henriqueta Lisboa: 5 de fevereiro de 1949
44 Carlos Drummond de Andrade: 21 de fevereiro de 1949
45 Carlos Drummond de Andrade: 1º de março de 1950
46 Henriqueta Lisboa: 7 de maio de 1950
52 Carlos Drummond de Andrade: 5 de outubro de 1951
53 Henriqueta Lisboa: 25 de março de 1952
54 Carlos Drummond de Andrade: 20 de outubro de 1952
55 Carlos Drummond de Andrade: 4 de dezembro de 1952
56 Henriqueta Lisboa: 9 de dezembro de 1952
57 Henriqueta Lisboa: 23 de janeiro de 1955
59 Henriqueta Lisboa: 10 de outubro de 1956

- 61 Henriqueta Lisboa: 22 de outubro de 1956
- 62 Henriqueta Lisboa: 5 de outubro de 1957
- 63 Henriqueta Lisboa: 4 de fevereiro de 1959
- 65 Henriqueta Lisboa: 21 de maio de 1959
- 66 Carlos Drummond de Andrade: 7 de julho de 1959
- 67 Henriqueta Lisboa: 19 de setembro de 1959
- 71 Carlos Drummond de Andrade: 8 de outubro de 1959
- 72 Henriqueta Lisboa: 24 de junho de 1961
- 73 Carlos Drummond de Andrade: 5 de julho de 1961
- 74 Henriqueta Lisboa: 22 de julho de 1962
- 77 Carlos Drummond de Andrade: 18 de janeiro de 1966
- 78 Henriqueta Lisboa: 20 de junho de 1966
- 80 Henriqueta Lisboa: 28 de setembro de 1967
- 82 Henriqueta Lisboa: 24 de dezembro de 1967
- 83 Henriqueta Lisboa: 21 de janeiro de 1969
- 84 Henriqueta Lisboa: 22 de junho de 1969
- 85 Carlos Drummond de Andrade: 25 de janeiro de 1970
- 87 Henriqueta Lisboa: 13 de julho de 1970
- 88 Carlos Drummond de Andrade: 13 de janeiro de 1971
- 90 Henriqueta Lisboa: 10 de fevereiro de 1971
- 91 Carlos Drummond de Andrade: 12 de abril de 1971
- 97 Henriqueta Lisboa: outubro de 1972
- 100 Carlos Drummond de Andrade: 8 de novembro de 1972
- 101 Henriqueta Lisboa: 16 de setembro de 1973
- 102 Henriqueta Lisboa: 5 de janeiro de 1974
- 103 Carlos Drummond de Andrade: 27 de julho de 1974
- 104 Henriqueta Lisboa: março de 1975
- 106 Carlos Drummond de Andrade: 4 de dezembro de 1975
- 107 Carlos Drummond de Andrade: 8 de agosto de 1976
- 108 Henriqueta Lisboa: 18 de abril de 1977
- 109 Carlos Drummond de Andrade: 11 de dezembro de 1977
- 110 Henriqueta Lisboa: 12 de outubro de 1978
- 115 Carlos Drummond de Andrade: 8 de novembro de 1978
- 116 Henriqueta Lisboa: 6 de outubro de 1979
- 118 Carlos Drummond de Andrade: 15 de janeiro de 1981
- 119 Carlos Drummond de Andrade: 27 de novembro de 1982
- 120 Carlos Drummond de Andrade: 8 de janeiro de 1983

- 121 Henriqueta Lisboa: 19 de janeiro de 1983
123 Henriqueta Lisboa: sem data

Telegramas:

- 124 Henriqueta Lisboa: 23 de janeiro de 1944
125 Henriqueta Lisboa: 29 de outubro de 1956
126 Henriqueta Lisboa: 25 de julho de 1984
127 Henriqueta Lisboa: 16 de outubro de 1984

- 129 **Publicações Recentes, Recebidas Através de Permutas**

Nota dos Editores

Este volume foi cuidadosamente organizado por Constância Lima Duarte*, que com ele desejou homenagear Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa, no centenário de nascimento dos escritores. Acolhendo-o em **Remate de Males**, nos associamos a seu gesto.

O próprio Drummond se antecipa às definições e ao que Constância batizou de “a correspondência do afeto”, quando afirma que entre mineiros, “a ternura é sempre velada -para fugir à expressão incompleta ou imprópria”. Tendo-se iniciado burocraticamente com um pedido de Henriqueta ao poeta, então Chefe de Gabinete do Ministro Capanema -o que de resto não constituía uma situação de exceção entre os intelectuais- a correspondência progride abrindo espaços de cordialidade assinalada nas mútuas formas de tratamento.

Por outro lado, o leitor não encontrará nessas folhas o debate intelectual vivo e franco sobre questões literárias, comum entre os modernistas. Certamente isso se deve por ser Henriqueta mulher. Admirando-a, e nesse sentido basta-nos conferir o artigo sobre **Flor da morte**, transcrito pela organizadora do volume, nem por isso o poeta deixa de marcar a diferença e assinalar seu lugar apenas entre as mulheres. “Seu nome” -escreve- “pode figurar, sem timidez, ao lado dos de Cecília Meireles e Adalgisa Néri, que mais longe levaram, entre nós, a mensagem da poesia feminina”. Corretamente, pois não houve poetisa modernista até aquela data no Brasil, o poeta inscreve-a na tradição simbolista de Alphonsus de Guimarães.

Existem portanto questões de interesse subjacentes a essa correspondência, e que não vão além de aspectos exclusivamente estéticos, o que justifica - assim achamos- sua publicação neste momento.

Antonio Arnoni Prado
Maria Betânia Amoroso
Vilma Arêas

* Professora e pesquisadora da U.F.M.G.

Introdução

Drummond e Henriqueta, afeto e admiração

Em meio ao riquíssimo espólio intelectual de Henriqueta Lisboa (1901-1985), zelosamente resguardado em sua Sala, no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, composto de preciosa biblioteca, dezenas de livros autografados, recortes de jornais, quadros, fotografias, móveis e inúmeros objetos pessoais, encontra-se ainda grande parte das milhares de cartas que a poeta recebeu ao longo da vida — de familiares, de ilustres desconhecidos e, naturalmente, de inúmeros escritores nacionais e estrangeiros. Dentre os primeiros, lembro Cecília Meireles, num total de quarenta e cinco cartas, de 1931 a 1963; Alphonsus de Guimaraens Filho, trinta e três cartas, de 1947 a 1969; Mário de Andrade, trinta e sete cartas, de 1940 a 1945; Manuel Bandeira, sete cartas, de 1950 a 1963; e Stella Leonardos, 20 cartas, de 1969 a 1984, dentre muitos outros. Todas, com exceção das de Mário de Andrade, permanecem inéditas.

Também se encontram, em meio a esta farta correspondência, vinte e sete cartas assinadas por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), algumas manuscritas, outras datiloscritas, em fino papel de seda ou em cartões oficiais do Ministério. Não se trata, com certeza, do conjunto completo da correspondência que Henriqueta recebeu do poeta mineiro. As grandes lacunas entre as datas e a falta de continuidade nos assuntos tratados, por exemplo, revelam que muitas outras existiram e se perderam.

Da mesma forma, a correspondência assinada por Henriqueta Lisboa e recebida por Carlos Drummond. Essa, em número um pouco maior — trinta e quatro cartas — encontra-se depositada nos arquivos da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Curiosamente, tanto a primeira como a última destas cartas, foram escritas no mês de janeiro — de 1938 e 1983, respectivamente —, perfazendo quarenta e cinco anos de convívio literário, cujas marcas encontram-se profundas nas cartas que trocaram.

Há um pouco de tudo nestas missivas. Desde notícias sobre a saúde, os pêsames por um falecimento, o agradecimento por um favor, até a apresentação de um novo poeta ou o comentário sobre algum fato mais relevante. Mas, principalmente, estas cartas respiram vida literária e apontam para o relacionamento cordial que se criou entre eles. À medida que trocavam livros entre si, os poetas se escreviam para acusar o recebimento de uma obra e muitas vezes para tecer comentários que são verdadeiros pequenos ensaios sobre a literatura e a poesia. Em algumas, estabelece-se, em meio a conversas mais íntimas de amizade, um diálogo de alto nível, que vem a ser, nos dias de hoje, um valioso documento da nossa história intelectual. Nestes momentos, para além da comunicação entre dois amigos, temos, antes, uma espécie de fórum de discussão sobre a criação poética.

Cito alguns desses momentos. Primeiro, um trecho de uma carta de Carlos Drummond, datada de 6 de março de 1944, em que o poeta agradece os comentários que Henriqueta fez, em outra carta, aos poemas de *Confissões de Minas*:

Eu não podia receber melhor palavra sobre meu poema do que a sua. Nunca me esqueço do poeta cada dia mais concentrado, mais essencial que você é. Entre sua poesia e seu material de expressão já não há nenhum espaço vazio. Para cada conceito você encontrou a palavra justa, e essa palavra, como o conceito, é de uma fluidez e de uma pureza definitiva.

Um outro é de uma carta de 18 de janeiro de 1966, em que o poeta elogia e admira a tradução realizada por Henriqueta da *Divina comédia*:

Você nos proporcionou a todos uma nobre emoção, ao comentar e traduzir Dante da maneira como o fez. Que arte segura, sensível às mais sutis criações do pensamento poético original, e engenhosa no achar-lhe peregrina correspondência vernácula! É de deixar a gente morrendo de inveja, uma feliz e santa inveja, que traduz o máximo de admiração.

E, por fim, cito palavras de Henriqueta que se encontram em uma longa e interessante carta datada de 28 de outubro de 1940, a propósito do livro que ele acaba de lançar:

Depois de ler e reler, com singular interesse, o *Sentimento do mundo*, quero manifestar-lhe a impressão que me causou esse livro estranhamente sofrido, intensamente realizado. Não conheço, na poesia brasileira, livro mais grave do que esse; nem mais sóbrio na sua plenitude artística, nem mais triste, na sua substância anímica. Do absoluto real, e só dele, se alimenta a sua poesia: grave, pois, pela força do elemento humano. Sóbrio pela concentração dessa força nos limites de uma arte impressiva, talhada a golpes firmes e fundos. E triste pela obstinação que o leva a refletir unicamente o lado cruel da existência.

Ter acesso à correspondência trocada por escritores do quilate de Drummond e Henriqueta, justamente quando comemoramos seus centenários de nascimento, reveste-se de um significado ainda mais especial. Significa, a meu ver, a oportunidade de conhecê-los um pouco mais, assim como de vislumbrar as particularidades da amizade que os unia, feita de carinho, confiança

e respeito intelectual. À medida que as cartas se tornam freqüentes e os anos passam, elas vão deixando transparecer uma valiosa dimensão confessional. Aqui e ali, são revelados inúmeros pormenores biográficos, em tom coloquial e íntimo. Através da carta, o emissor se expõe muitas vezes como não faria na presença física do receptor, e as opiniões parecem surgir mais sinceras e espontâneas. E o autor se coloca aparentemente por inteiro, sem maiores cuidados intelectuais, com a pura intenção de conversar com um interlocutor ausente, mas sempre presente de forma implícita.

Como neste pequeno fragmento de carta, que Henriqueta, ao agradecer o envio do livro *Cadeira de balanço*, escreveu:

O seu livro chegou nos primeiros dias do inverno. Eu estava com uma gripe miúda, mas implacável — que até hoje me persegue. Instalada na minha cadeira de balanço, fui lendo a que você me enviou. Além do suave devaneio, tive o conforto de conhecer, devagar e detidamente, o balanço de um grande coração. Como pode ele transitar tranquilamente, para lá, para cá, entre o viver quotidiano e as coisas inefáveis? (20/ 06/ 1966)

Nas cartas de Carlos Drummond, o tom não é diferente:

Agradeço-lhe a boa palavra que me mandou — e a que quis juntar um de seus mais belos e profundos poemas. Não sei (infelizmente nada sei) se a morte será esse ponto final de comunhão, que os seus versos fixaram de uma maneira alusiva tão extraordinária. Mas gostaria que fosse. E é grande consolo que a sua poesia me dá, com essa concepção alta de um encontro de “simplicidade suprema”. (21/ 02/ 1949)

Por esta mostra, é possível verificar como a correspondência de um escritor pode se tornar em um precioso documento da biografia, quase uma autobiografia fragmentada, que ele vai expondo, até mesmo sem se dar conta disso. Muitas informações, que encontramos de forma despreocupada nas cartas, podem iluminar aspectos obscuros ou pouco conhecidos da história intelectual e pessoal do escritor e da própria história de sua época. E, na correspondência, quanto maior a confiança e a cumplicidade entre os interlocutores, mais próximo da ‘verdade’ parece estar o discurso, pois vem despojado de ‘enfeites’ e de superficialidades.

Conhecer esta correspondência significa, enfim, perceber que nenhum estudo da obra de Carlos Drummond de Andrade e de Henriqueta Lisboa estará completo se não for realizada, também, a análise das cartas que cultivaram ao longo de suas vidas.

Antonio Candido afirmou certa vez, a propósito de Mário de Andrade, que as cartas eram peça chave na biobibliografia do escritor, pois elas esclarecem pontos e revelam facetas muito mais do que o conjunto de obras que ele publicou.¹ Através de fragmentos da correspondência (os biografemas, de

1 CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

Barthes), é possível reconstruir não só a história de vida, mas principalmente a trajetória de seu discurso literário.

A correspondência trocada por Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade, a nosso ver, deve ser, portanto, pesquisada e analisada também como documentação literária e autobiográfica importante para a compreensão da obra dos escritores e como testemunho de um momento cultural brasileiro, uma vez que muitas cartas contêm um registro pessoal acerca dos acontecimentos. O conjunto das cartas ultrapassa a vida íntima e intelectual e desvenda parte do processo de criação e da poética de cada um, configurando-se também como um documento da história intelectual do país.

Se considerarmos o zelo e a organização com que Henriqueta Lisboa conservou os inúmeros bilhetes, cartas e cartões recebidos ao longo de sua vida, podemos quase concluir que ela parecia desejar que sua correspondência fosse lida por outros e revelasse como a experiência de vida está ligada à escrita da obra e mesmo à história da literatura. E no estudo das trajetórias individuais, quando o indivíduo desempenha o papel de mediador entre diferentes experiências, como parece ter sido o caso de Carlos Drummond, a divulgação da correspondência se impõe, para que possa também ser apreendida sua subjetividade, enfim.

Constância Lima Duarte

Sobre esta Edição:

Na tentativa de recuperar e de reconstituir ainda mais o diálogo que os poetas estabeleceram através das cartas, cartões e telegramas, trocados ao longo de tantos anos, foram transcritos em notas os poemas que acompanham ou são citados na correspondência, bem como as dedicatórias dos livros oferecidos, e alguns artigos — frutos da reciprocidade das leituras. Também foram aí incluídas informações acerca de livros e de pessoas mencionadas por eles.

Faz-se necessário agradecer a Vânia Matos de Sousa, dedicada bibliotecária, a Luciana Alves Lima, bolsista de Iniciação Científica, aos colegas do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, e a Eliane Vasconcellos, da Casa de Rui Barbosa, que tão zelosamente guardam um precioso segmento da memória de nossa literatura. Acrescento que este trabalho só foi possível graças à Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida pelo CNPq, no âmbito do Projeto Integrado ‘Acervo de Escritores Mineiros’.

Por fim, agradeço sensibilizada a Abigail de Oliveira Carvalho e a Pedro Drummond, responsáveis pelo espólio dos escritores, o generoso consentimento para a publicação dos manuscritos.

Constância Lima Duarte